

Jornalismo Informativo: a notícia e o método para sua construção¹

Maria Elisabete Antonioli²

ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, Brasil

Resumo

O presente estudo aborda o jornalismo informativo e procura ressaltar o formato notícia, produzida sistematicamente pelo jornalista no cotidiano de sua profissão. Para tanto, por meio de uma pesquisa bibliográfica, busca-se apresentar reflexões teóricas sobre a elaboração da notícia, fundamentadas nas contribuições de pensadores que, ao longo de anos, se debruçaram sobre a questão. São critérios estabelecidos, que procuram assegurar a exatidão do fato e que nortearam a premissa presente neste trabalho, que enfatiza o método na construção da notícia. Nesse sentido, é importante ressaltar que, atualmente, embora o fazer jornalístico possua novas formas de produção, em função das tecnologias de informação e o ambiente interativo proporcionado pela web, ele permanece intacto em seus valores e a notícia está alicerçada no método para sua composição.

Palavras-chave: gêneros jornalísticos; jornalismo informativo; jornalista; método; notícia.

Introdução

Atualmente, diversos pesquisadores se debruçam sobre os estudos dos gêneros jornalísticos mas, para efeito deste trabalho, considera-se a classificação de José Marques de Melo (2010), tendo em vista o gênero informativo que, segundo ele, é representado por todos os seus formatos: nota, notícia, reportagem e entrevista.

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade São Paulo e com pós-doutorado na mesma instituição. É coordenadora e professora do curso de Jornalismo da ESPM-SP.

A notícia é o formato presente na discussão deste trabalho, assim como a necessidade de um método para sua construção. Para tanto, foram pesquisadas proposições de diversos autores, com o objetivo de ampliar a discussão e oferecer um enriquecimento textual e reflexivo acerca do que vem a ser uma notícia, bem como sua estrutura.

Os conceitos aqui tratados são resultados de estudos de pesquisadores que remontam o século XVII até a contemporaneidade. São eles: Peucer (1690), Rizzini (1953), Beltrão (1969), Tuchman (1973), Hohenberg (1981) Genro Filho (1987), Medina (1988), Bahia (1990), Wolf (1995), Kunczik (2001), Traquina (2005, 2008), Karam (2004), Lage (2003, 2005), Chaparro (2007), Christofolletti (2008), Sodré (2009), Pereira Lima (2009).

A construção da notícia

A notícia, discutida a partir de referenciais teóricos diferentes, sejam eles linguísticos, históricos, políticos e tantos outros, sofre compreensões diversas que a leva ao encontro de vários enfoques. Os assinalados neste trabalho, comungam com a premissa de que a notícia conta com elementos definidos para sua construção.

Escrever uma notícia é relatar um fato. Esse relato, por sua vez, não deve ter um caráter reducionista, como simplesmente “contar algo”, mas sim, deve ser considerado um texto tratado metodologicamente, que traz, na sua elaboração, técnicas redacionais e de checagem, próprias do universo jornalístico. Portanto, é preciso método para sua construção.

Tobia Peucer, na tese que defendeu na Universidade de Leipzig, Alemanha, no ano de 1690, utilizou o termo *novellae* como equivalente a novos periódicos, mas ressaltou que esse significado não se encontra entre os escritores latinos. O pesquisador explicou em sua tese que Charles du Fresne, no *Glossarium ad scriptores mediae et infimae latinitatis*, verificou que, nas glosas manuscritas dos códex dos Concílios, a palavra *novellae* significava "nova comunicação", mas, posteriormente, os monges passaram a empregar o termo "notícia".

De acordo com Hohenberg, é impossível conceituar a notícia, pois este conceito deverá variar em função do veículo. "Para os matutinos é o que aconteceu ontem; para os

vespertinos, o fato de hoje. Para as revistas, o acontecimento da semana passada. Para as agências noticiosas, emissoras de rádio e televisão, é o que acabou de ocorrer" (Hohenberg, 1981, p. 68, apud Genro Filho, 1987, p. 28). Contudo, o autor vai em busca da caracterização da notícia com os seguintes elementos: precisão, interesse, atualidade e explicação.

Adelmo Genro Filho (1987, p. 22) diz que não é de se estranhar o fato de que as empresas sejam privadas e que as notícias sejam transformadas em mercadorias, pois a indústria da informação surgiu com o desenvolvimento de um modo de produção capitalista. Ele afirma que: “logo, desde o seu nascimento, o jornalismo teria de estar perpassado pela ideologia burguesa e, do ponto de vista cultural, associado ao que foi chamado mais tarde de ‘cultura de massa’ ou ‘indústria cultural’”. Embora, Genro Filho (1987: 150) leve em consideração a notícia, originada a partir da emergência do capitalismo, vai em busca de elementos de outra natureza para distingui-la, quando diz que ela não deve ser considerada como uma modalidade da informação em geral. Ele assevera que “não foi a transmissão genérica da experiência – o que sempre ocorreu em sociedade – e sim a transmissão sistemática, por determinados meios técnicos, de um tipo de informação necessária à integração e universalização da sociedade”.

A mensagem jornalística, conforme Cremilda Medina (1988), é o resultado de um conjunto de elementos estruturais característicos do processo de informação. Rogério Christofolletti (2008, p. 11), mediante um olhar social, afirma que na cobertura dos fatos de interesse da sociedade a conduta ética é misturada com a qualidade técnica de produção do trabalho. Para ele, “repórteres, redatores e editores precisam dominar equipamentos e linguagens, mas não devem se descolar de seus compromissos e valores.” Nesse sentido, Francisco José Karam (2004, p. 30), argumenta que, na mediação jornalística, o presente “é a síntese que opera com reduções de tempo. Sua disseminação pública em linguagem especificamente jornalística permite o acesso imediato à aventura humana.” O autor ainda comenta sobre a contribuição do jornalismo à memória social, ao afirmar que, do registro do cotidiano que faz do movimento humano, são extraídas bases para análises também históricas, antropológicas, sociológicas, além da projeção de opiniões, dúvidas, novos fatos e versões.

Luiz Beltrão (1969, p. 81-82) afirma que, “no sentido humano, a informação é o ato de levar um fato ao conhecimento de outrem, uma função inata, comum a todos os

racionais [...]” São dele, também, as palavras: “As informações públicas são as de que se ocupa o jornalismo e, quando se referem a situações atuais e são divulgadas pelos veículos de comunicação coletiva, denominam-se notícias”. Com estas definições o autor mostra claramente a diferença da informação e da notícia.

De acordo com as palavras de Beltrão, o pesquisador Juarez Bahia (1990) também comenta esta questão, ao escrever que a notícia é considerada a base do jornalismo, assim como seu objeto e seu fim. Destaca ainda que é por intermédio dos meios do jornalismo que a notícia adquire conteúdo e forma, expressão e movimento, significado e dinâmica para fixar um acontecimento ou torná-lo acessível a qualquer pessoa. O autor enfatiza, ainda, a função social da notícia e diz que “toda notícia é uma informação, mas nem toda informação é uma notícia” (Bahia, 1990, p. 35). Essa afirmação vem corroborar com a tese de que a notícia é um conteúdo produzido pelo jornalista de interesse social, enquanto a informação, poderá ser um conteúdo que qualquer pessoa tem condições de divulgar, tanto na relação interpessoal, intergrupar, como também na comunicação de massa, ao fazer o uso das possibilidades midiáticas existentes.

É exatamente na comparação entre os acontecimentos comuns relatados por cidadãos, hoje em dia, principalmente, por meio do amparo das redes, e os acontecimentos que são realmente fatos jornalísticos, aqueles trabalhados na notícia e que devem priorizar o interesse público, que diferencia-se o trabalho do jornalista. Nesse sentido, Muniz Sodré (2009) argumenta que o jornalismo é uma das atividades no interior da esfera pública e que coube à imprensa, desde o início do regime republicano europeu, assegurar a representatividade da palavra do cidadão. Esta função é intrínseca ao jornalismo. Peucer (1690) também assinalou esta questão, ao explicar que é preciso separar as leves suspeitas e ações diárias das coisas públicas e daquelas que merecem ser contadas.

Com relação aos fatos como possíveis notícias, Michael Kunczik recorre a Tuchman, que oferece a seguinte classificação:

1. “Sem programação”: fatos que não são planejados, mas cujo momento de publicação o jornalista pode determinar levemente (geralmente notícias leves);
2. “Pré-programadas”: todo fato cuja ocorrência pode ser prevista com precisão (“fatos diários”);

3. “Não-programadas”: fatos de grande importância que acontecem de modo totalmente inesperado e precisam ser publicados logo em seguida (os mais difíceis de manejar de modo rotineiro – últimas notícias) (TUCHMAN, 1973, p. 117, apud KUNCZIK, 2001, p. 267).

Conforme Manuel Carlos Chaparro (2007, p. 150), é necessário que a estética do relato contenha a explicitação das intenções, “pela evidência das relevâncias nos elementos de titulação e introdução do texto, para que o leitor possa, livremente e com lucidez, decidir se a mensagem lhe interessa ou não.”

Sodré (2009), também argumenta que o jornalismo mobiliza diferentes tipos de discursos, mas a sua moderna centralidade conceitual está apoiada na notícia, cujo conceito é basicamente anglo-saxônico, pois é entendida como a narração de um acontecimento racionalizada como uma commodity. Mas o autor vai além da produção, quando denomina a notícia como um gênero sócio-discursivo:

Na notícia, que é uma estratégia ou gênero discursivo essencialmente jornalístico, o acontecimento referido obriga-se a ser verídico (real-histórico, portanto) e a obedecer a técnica corrente na prática do jornal. O real da notícia é sua factualidade, a sua condição de representar um fato por meio do acontecimento jornalístico (SODRÉ, 2009, p. 27).

O professor Nilson Lage concorda com Sodré, ao ressaltar a importância da notícia. Conforme Lage (2005, p. 73), “o texto básico do jornalismo é a notícia, que expõe um fato novo ou desconhecido, ou uma série de fatos novos ou desconhecidos do mesmo evento, com suas circunstâncias”. Para ele, a notícia, de acordo com sua estrutura, é definida como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, levando em consideração a pirâmide invertida e a técnica do lead, ou seja, o primeiro parágrafo do texto.

Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 17) também traz a referência do lead. Segundo o autor, a mensagem jornalística estruturada nessa fórmula atende melhor ao chamado jornalismo informativo. Para ele:

A notícia segue as fórmulas de construção que redundam na simplificação do relato em torno dos seus componentes o que, quem, quando, como, onde e por que, distribuídos de três maneiras distintas, conforme se opte pela técnica da pirâmide invertida, da pirâmide normal ou da pirâmide mista (PEREIRA, 2009, p.17).

A respeito da primeira técnica assinalada por Lima, o pesquisador Nelson Traquina (2008, p. 47) diz que o formato jornalístico impõe uma estrutura aos acontecimentos que é a pirâmide invertida, um formato específico na imprensa. “A pirâmide invertida é um dispositivo desequilibrado que faz a listagem de unidades de informação na ordem decrescente de sua presumível importância.”

A notícia, resultado de uma investigação jornalística sobre uma determinada informação ou acontecimento, até ser publicada, passa por um processo produtivo fundamentado metodologicamente. No primeiro momento, há o desenvolvimento da pauta e angulação, quando a informação deve ser objeto de pesquisa. Posteriormente, a apuração com checagem das fontes e entrevistas e, em seguida, o desenvolvimento do texto com os critérios para sua elaboração. É na sua construção metodológica, que tem o lead como convenção, que se afirma a autoridade profissional do jornalista, de acordo com Traquina:

Assim, com base no exemplo norte-americano, houve a afirmação de competências e saberes específicos por parte dos membros deste grupo de pessoas que trabalhavam nos jornais. Começavam a reivindicar um monopólio de saberes, indicativo de uma profissão (TRAQUINA, 2005, p. 89).

Traquina (2008, p. 63), ao discutir “o que é notícia”, não se detém na estrutura e vai em direção aos seus valores. O autor diz que “a previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de critérios de noticiabilidade, isto é, a existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham.” Seguindo este raciocínio, ele acrescenta que “os valores-notícia são um elemento básico da cultura jornalística”.

Diversos autores categorizam os valores da notícia. A título de registro, aqui estão destacados aqueles definidos por Traquina: morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito, infração. Entretanto, é necessário lembrar que os critérios de noticiabilidade dependem de algumas decisões, como por exemplo, a linha editorial do veículo, mas que não são objeto de discussão neste trabalho.

Mauro Wolf (1995, p. 179) afirma que os valores da notícia são derivados de pressupostos implícitos ou de considerações relativas, classificados por ele, em quatro categorias: a – às características substantivas das notícias; ao seu conteúdo; b – à

disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo; c – ao público; d – à concorrência. Conforme o autor, a primeira categoria diz respeito ao acontecimento e a sua transformação em notícia; a segunda, ao conjunto dos processos de produção e realização; a terceira, à imagem que os jornalistas têm sobre os destinatários e a última, às relações entre os mass media existentes no mercado informativo.

Ressalta-se, neste trabalho, que a notícia deve ser compreendida como o relato de um acontecimento, e explicá-lo exige método. Lage (2005, p. 78), considera que as notícias, em sua estrutura global, são textos expositivos e diz que “o que se segue é um método – utilizável no todo ou em parte – para redigir notícias que se resumem ou remetem a declarações ou enunciados escritos.” Não é uma tarefa simples, como alguns acreditam ser. Além do tratamento, é necessária a utilização de uma linguagem de vasto alcance, pois o jornalista, apesar de conhecer seu público, não sabe quem efetivamente irá alcançar.

É evidente que existem intervenções de diversas ordens na construção da notícia. Seria ilusão pensar que o jornalista é o único responsável pelo que produz. A rotina produtiva das empresas jornalísticas poderá compreender interferências de pauta, angulação, edição, interesses corporativos, intenções, interpretações e a própria subjetividade presente quando a objetividade é buscada. A teoria do gatekeeper, de origem funcionalista, que aborda a seleção da notícia, ou seja, o que vai ser publicado, vem reafirmar a interferência da edição. De acordo com a teoria, toda informação é processada e, durante esse processo, o jornalista, ou seja, o gatekeeper, decidirá o que será publicado. Traquina (2005, p. 151) diz que essa teoria analisa a notícia a partir do jornalista e, por situar-se no nível individual, “avança uma explicação quase exclusivamente psicológica”. Questões como as abordadas na teoria do gatekeeper e outras que compõem este espaço de estudos não diminuem o valor do jornalismo, quando o interesse público é pautado durante todo o processo.

Observa-se ainda que o jornalista, na busca pela instrumentalização metodológica da construção da notícia, necessariamente deve ter, também, um embasamento teórico das ciências sociais e da comunicação, o cumprimento das normas deontológicas, assim como postura ética em todo o processo. Elementos que procuram assegurar sua formação e o habilitam ao fazer jornalístico.

Para finalizar as reflexões registradas neste trabalho, foi selecionado o argumento de Carlo Rizzini (1953, p. 12) que afirma: “a notícia é um prato que nem todos sabem preparar.”

Considerações finais

As asserções assinaladas pelos pesquisadores mencionados neste trabalho contribuem para as reflexões acerca do método para a construção da notícia. É exatamente por meio do método que o jornalista poderá elaborar a notícia adequadamente, conforme a realidade factual e com os princípios éticos que devem estar presentes no fazer jornalístico. Esses fatores qualificarão essa informação e a diferenciaram de outras, que nos dias de hoje são emitidas diariamente por milhões de pessoas conectadas na internet, mas que, como cidadãos comuns, não necessitam cumprir os ritos necessários da construção da notícia.

No mercado de trabalho do jornalista, a produção do jornalismo informativo, no formato notícia, é a tarefa que faz parte de sua rotina de trabalho. Entretanto, a produção de outros gêneros jornalísticos faz parte, também, do rol de suas atividades e se encontram no mesmo patamar de relevância. Assim, o jornalista encontra nos gêneros jornalísticos, conforme os conceitos referenciados ao longo do tempo, formatos e suportes diversos, ao levar à sociedade, informação, interpretação, opinião, e ampliação do espaço de discussão, sempre balizado por uma conduta ética e de acordo com os ordenamentos deontológicos.

Hoje, o profissional tem, na ação jornalística, diversas formas de mediar a informação. São suportes midiáticos em vídeo, em rádio, na web e impressos, acrescentando-se também a convergência entre as mídias, o que exige do profissional o domínio de diversas linguagens que o caracterizam como um profissional multimídia. Um mesmo trabalho jornalístico poderá ser utilizado em diversas plataformas, desde que esteja adequado a cada uma e, no caso, o profissional deve ter o domínio e as competências necessárias para lidar com elas.

Além disso, o jornalista deve conhecer seu público e dialogar com ele, pois os veículos estão a cada dia contando com instrumentais que levam o emissor e receptor a

trocar informações. São novas formas de mediação da informação, chamadas de interativas, e que proporcionam um diálogo e uma proximidade entre o profissional e o seu público. Essa atitude pró-ativa do público, está alicerçada nas mudanças sociais ocorridas nos últimos anos e no próprio desenvolvimento econômico e político do cidadão que o leva a questionar, a opinar e também a emitir. No caso, ele não é apenas receptor, mas parte integrante de um processo de mão dupla e muitas vezes uma fonte para o jornalista.

Outra questão que alterou o processo de produção, foi o período dedicado à pesquisa, checagem e reflexão do trabalho jornalístico que, também, em função das alterações tecnológicas que propiciam a instantaneidade da informação, ganhou uma redução no tempo. Atualmente, o jornalista dispõe de um período muito menor para trabalhar na construção da notícia. É preciso noticiar rapidamente, pois a acirrada competitividade entre os veículos, principalmente aqueles suportados diretamente pela web, buscam a liderança no processo de emissão em função da audiência. Entretanto, mesmo com todas as alterações decorrentes das mudanças sociais e do desenvolvimento tecnológico, os valores do jornalismo continuam os mesmos e o método de construção da notícia deve ser cumprido, pois ele será o diferenciador do trabalho jornalístico e da própria valorização do profissional no mercado de trabalho.

Referências Bibliográficas

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: as técnicas do jornalismo. v. 2. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BELTRÃO, Luiz. **Imprensa Informativa**: Técnica da Notícia e da Reportagem no Jornal Diário. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**. Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. 3. ed. São Paulo: Summus, 2007.

_____. **Interesse Público não se confunde com “interesse do público”**. Disponível em: http://www.oxisdaquestao.com.br/admin/arquivos/artigos/2012_7_31_14_31_7_54154.pdf. Acesso em: 14 out. 2011.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** – para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

KARAM, Francisco José. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

KUNCZICK, Michael. **Conceitos de jornalismo: norte e sul**. São Paulo: Edusp, 2001.

LAGE, Nilson. **Estrutura na notícia**. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (orgs.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MEDINA, Cremilda. **Notícia um produto à venda**. Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.

PEUCER, Tobias. **De Relationibus novellis**. Trad. Paulo da Rocha Dias. In: Comunicação & Sociedade n.º.33, São Paulo: Universidade Metodista, 2000.

RIZZINI, Carlos. **O ensino de jornalismo**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953.

SODRE, Muniz. **A narração do fato**. Notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Porque as notícias são como são. v. I. 2. ed. Florianópolis, 2005.

_____. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. v. II. 2. ed. Florianópolis, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4. ed. Lisboa: Editorial Presença. 1995.